

A DITADURA FEMENISTA

HIPOTHESE D'UM

FUTURO REGIMEN



VI

PREOCUPAÇÕES DE MISS MARY — NA SECÇÃO DE BELEZA FEMENINA — A MAQUINA QUE EXTRAHE A OBESIDADE E TORNA GORDAS AS SENHORAS MAGRAS — A EMANCIPAÇÃO DAS PRETAS — A SITUAÇÃO DAS FEMENISTAS EM ESPANHA

JUROU pelos vivos e pelos mortos que o seu sentido estético o impedia de cortejar uma dama tão horrivelmente feia, como aquela que o acusava.

O monstruoso erro judiciário de que estava sendo vítima, provinha do facto dele se ter dirigido a miss Mary, oferecendo-lhe o seu apoio, pois a sua galhardia de cidadão português temera que aquela dama estrangeira corresse algum perigo, no momento em que na cidade dellagrava uma revolução de intuitos desconhecidos.

Romperam violentas apostrofes, ápartes não menos violentos, á forma pouco lisongeira como o reu se referia aos dotes fisicos da delegada da «Femine Independent Association».

E como não fosse permitido o uso de testemunhas de defeza, o tribunal resolveu não acreditar nas palavras do reu e entregar desde já seu destino nas mãos das juradas.

Estava suspensa a sessão e o juri femenino recolheu á sala das deliberações.

Mas, pouco tempo depois, ouvia-se nos corredores da Boa Hora uma extranha confusão de palavras, como se os papagaios tivessem resolvido realizar um congresso.

Miss Mary, em obediencia ao seu instinto que nunca a enganava, advinhou donde provinha essa alucinante confusão, — e nervosa, irada, abriu a porta da sala das deliberações e por ali dentro irrompeu furiosamente.

As juradas increpavam-se mutuamente, estavam muito longe de alcançar uma unidade de vistas, ao passo que estavam muito perto das vias de facto...

E tudo isto porque entre elas surgiram discordancias, pois enquanto umas justificavam e achavam logica a atitude do reu, outras mostravam-se ferozmente impiedosas.

Miss Mary, profunda em psicologia, não esteve com rodeios

nem com atenções e, erguendo a mão ossuda e comprida trovejou:

— Não quero aqui discussões! Quero dar um terrível exemplo aos nossos inimigos! Condenem-me já esse homem a prisão perpetua...

Era bem a voz da ditadora que falava, e ante ela as juradas vacilaram, vacilaram e acabaram por lavar a sentença...

VII

— Falta de preparação, minhas senhoras; falta de preparação! Eu não descreio na nossa causa, mas infelizmente a mulher portuguesa não evoluiu o bastante para manter um regimen como este que estamos tentando. Se a «Femine Independent Association» soubesse, em todos os seus pormenores, os sacrificios que eu aqui estou fazendo, para muito maiores designios de futuro me escolheria...

Era Miss Mary quem assim falava, ante o espanto das suas colegas do governo, que agora se aglomeravam no ministerio da Instrução,

onde a ministra desta pasta, a poetisa Vera Vitoria, ia inaugurar uma secção de Beleza Femenina.

A inglesa, dando ao rosto uma expressão de sombria sinceridade, prosseguiu:

— Não é segredo para ninguém — nem tampouco isto é falar mal dos outros — que a mulher portuguesa, como aliás a de todo o mundo civilizado, antes de triunfar o nosso agora já historico movimento, empregava-se em certos trabalhos que, afóra a injustiça que alguns deles representavam, muito concorriam para a normalidade da vida economica do país — especialmente no que diz respeito á procura e á oferta.

Como parte da ilustrada assistencia não comprehendesse a tecnologia de expressão empregada por Miss Mary, esta explicou:



—A procura e a oferta é assim uma especie de dá e dá e toma lá, colectivo. É uma maneira ligada da gente se alimentar e vestir mutuamente, numa solidiedade inviolável. Não sei se percebem? Mas como eu te dizia, antes da revolução, a mulher ainda prestava inestimáveis serviços à sociedade. Mas logo que a revolução triunfou — e como é triste dizê-lo! — as nossas camaradas, já emancipadas, começaram a gastar as regalias sem se lembrarem dos deveres. Dai, e se não fosse a recente invenção da hortaliça artificial, nós nunca mais nos deliciaríamos com uma simples folha de couve ou uma cabeça de cenoura. As máquinas de escrever não voltaram a funcionar; os telefones, ligados por homens, põem-nos loucas e não conseguimos falar. Senão consigo tomar medidas radicais, daqui a pouco estamos bloqueadas pela fome — e se tivermos direito de viver dentro dum museu, como múmias que já não comem nem necessitam doutrinas cousas prosaicas.

Tudo isto era muito certo, mas a distinguida assistencia pouco interessava e por isso logo que Vera Vitoria declarou apta a ser inaugurada a secção de Beleza Femenina, todas as senhoras presentes correram para o gabinete contiguo.

Aquele extraordinario melhoramento, introduzido no ministerio da Instrução e Belas Artes, era qualquer coisa de tão notavel, que nenhum homem, por mais talentoso que fosse, seria capaz de o inventar.

Sob a direcção da preciosa poetisa, duas ou três salas arcaicas do ministerio foram transformadas numa especie de alcaçar arabe, com allas colunas, lagos com repuchos e uma fresta ao alto, para que o luar podesse entrar livremente.

Piscinas de marmore, à margem das quaes se infileirava um verdeiro batalhão de frascos com perfumes raros, estendiam-se a um lado do pavimento e todas elas eram vedadas por elegantes biombo.

Depois dos efeitos hidroterapicos do banho, a mulher em tratamento passaria para a casa das massagens, — casa muito arejada e povoada de instrumentos exóticos, modernissimos, movidos a electricidade.

Seguia-se o compartimento destinado à ginastica, ao jogo de foot-ball, ao tennis, às corridas hipicas e outras coisas de grande importancia social, — e por fim estava o gabinete, de discreta penumbra, onde se fazia a «cultura da Beleza Femenina».

Era uma autentica universidade: — ali se lecionava como a mulher devia empunhar a borla de pó de arroz, como devia dar seu pequenino pé a quem lhe descalçasse o sapato moderno, — ali se ensinava em 30 lições a maneira de subir para um electrico, de calçar as luvas, de beijar em sinal de cumprimento, etc., etc.

O mais difficil de aprender, porem, eram as cambiantes do olhar: — o romantico, o nostalgico, o que promete um rendez-vous, o que dá uma esperança, o que atira uma seta de desdem, o caracteristico, o ingenuo...

As visitas iam de surpresa em surpresa, gosando Vera Vitoria o triunfo da sua arte, da sua prodigiosa imaginação.

Só Miss Mary se mostrava sombria, pois seu temperamento de ditadora, repudiava todas aquellas deliciosas distrações femeninas, algumas das quaes ela mesmo já abolira, por meio de inexoraveis decretos.

Mas para não criar dificuldades ao ministerio, calava-se,

permanecendo mais do que ela vinham sofrendo, ha muitos annos as estufas egypcias.

A cupida, porem, da secção de Beleza, ainda não tinha sido visitada.

Vera Vitoria guardara a clemencia para o fim, e só agora, quando a lante da admiração prometia secar, ela se resolveu a desvendá-la a curiosidade da assistencia.

Consistia aquelle ultimo melhoramento numa maquina ultramoderna, que recebia por um lado as senhores obesas e cinco minutos depois deitava-as do outro lado, já sem adiposidades, já elegantes, completamente normaes.

Mas o prodigio desta maquina ia a ponto de dar dorante os mesmos cinco minutos, uma harmonia carnal às senhoras magras, esqueladas, quasi transparentes.

Não se cansavam as visitas de admirar e louvar tão extranho invento, quando Adelia Cadete, ministra das colonias, appareceu subitamente e estaloridamente naquella maravilhosa sala.

Dada a obesidade da recém-chegada, as senhoras presentes julgaram que se ia tentar a primeira experiencia e todas volveram seus olhares para a maquina singular.

Infelizmente o caso era muito outro.

Adelia Cadete, depois de limpar o suor que lhe perolava o rosto, disse, dirigindo-se especialmente a Miss Mary:

— Acabo de receber um telegrama de Angola, comunicando-me que todas as pretas de Africa se declararam emancipadas, seguindo o nosso exemplo. Quanto aos pretos, aqueles que não foram chacinados, encontram-se de perfeita saude, mas estão desapossados de seus antigos misteres.

Passada a primeira surpresa, Miss Mary fechou os punhos e rugiu como uma leão ferida:

— Mas isso não pode ser! Então elas tornam-se livres sem termos as representandir licença a nós, que les da Liberdade? E

agora? Quem nos mandará o café, o cacau, tantas cousas que nos fazem falta? Sim; porque não é de supor que as pretas queirã trabalhar mais do que as brancas...

— Saiba a illustre camarada que o cacau e o café vemnos de S. Tomé. — elucidou Adelia Cadete.

— E esse santo homem mantem a vassalagem?

Depois das devidas explicações geograficas, a assistencia abandonou a secção de Beleza Femenina.

Miss Mary, acompanhada de Adelia Cadete e Marcia Arado, dirigiu-se para o ministerio do interior.

A delegada da «Femine Independent Association» ia des-norteada. A emancipação das pretas causava-lhe tristissimas reflexões.

Mas outro dissabor ainda lhe estava reservado.

Pouco depois de se instalar no gabinete de Marcia Arado, chegou ali Ana da Costa Onofre, a informar que as noticias recebidas de Espanha eram pouco tranquilisadoras.

A grande nação peninsular conspirava contra a ditadura de Elza Sterne e eram as proprias espanholas que armavam o braço que devia abater a famosa alemã.

Ante estas pouco consoladoras informações, os labios de Miss Mary queixaram-se, amargamente, da ingratidão femenina.

No gabinete ostentavam-se varios retratos de femenistas celebres: — a italiana Isa Cavaliere, as francesas Chaminade, Deroismes, Drowart, muitas outras...

(Continúa).



A cadeia de Lincoire, da qual o capitão R'berto se evadiu